



INSTITUTO FEDERAL
ESPIRITO SANTO
Campus de Alegre

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIA BIOLÓGICAS – CAMPUS DE ALEGRE

Disciplina: Didática Geral – 4º período – 2º semestre/2011
Professora: Gláucia Maria Ferrari

Texto 1 : Currículo oculto : Como agir em relação aos conteúdos que são ensinados e aprendidos de forma não explícita na escola (CATARINA IAVELBERG)

A orientação educacional tem o compromisso de auxiliar a escola em sua função socializadora, criando ou reformulando ações pedagógico-educacionais e favorecendo a articulação de valores que resultem em atitudes éticas no âmbito do convívio social. Ainda que a instituição não conte com um cargo específico para essa função, suas atribuições precisam ser realizadas no dia-a-dia.

Como esse campo se ocupa em desenvolver estratégias para a aprendizagem dos conteúdos atitudinais, um dos papéis mais importantes do orientador é gerenciar o currículo oculto. A maior parte dos problemas tradicionalmente enviados para a sala dele (exclusão de sala de aula, furto, briga, *bullying*, mau uso dos espaços coletivos, cola em provas, plágio de trabalho atitude de desrespeito ao professor) está vinculada a esses “conteúdos” que são ensinados e aprendidos de forma não explícita nas relações interpessoais que se constroem na escola.

Trata-se de um equívoco acreditar que esse educador deva se ocupar exclusivamente dos alunos (em especial os tidos como indisciplinados e os que têm baixo rendimento) e de suas famílias. Infelizmente, ainda existem escolas que trabalham nessa perspectiva antiquada e “psicologizante”, que posiciona o orientador educacional como alguém destinado a abafar (e não resolver) os conflitos na base da mediação com estudantes, pais e professores. Esse modo de atuar, eticamente ineficaz, faz com que esse profissional muitas vezes se sinta como um bombeiro, que todos os dias apaga incêndios e deixa brasas pelo caminho. Fechado numa sala geralmente distante dos espaços onde o currículo oculto se manifesta, ele acaba brincando de investigador de polícia, juiz ou psicólogo clínico. Alguns ficam constrangidos por terem de atuar assim. Mas há os que exercitam com satisfação esses pequenos poderes.

Uma abordagem contemporânea do trabalho compreende outras competências para o orientador educacional. Ele deve ter certo distanciamento da demanda aparente (queixa) para promover uma escuta analítica que o leve a identificar os agentes, os valores e os conflitos nela envolvidos. Também está sob sua responsabilidade desencadear ações que ampliem o diálogo e a compreensão entre os protagonistas da comunidade, sem jamais negar a natureza dos conflitos. O exercício dessas competências só é possível quando o orientador educacional deixa a rotina de sua sala e se insere em outros espaços para procurar e explicitar os elementos do currículo oculto. As ações serão eficazes quando contribuirão para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, o que requer a interlocução com a equipe docente e o entendimento do sujeito como um ser histórico, crítico e social. Embora o orientador educacional não seja um especialista nas didáticas – essa é a especialidade do coordenador pedagógico –, ele deve ser capaz de identificar se a ação docente está de acordo com os princípios que norteiam o projeto pedagógico da escola.

É imprescindível sua participação nos momentos de formação dos professores, desenvolvendo estratégias para problematizar o convívio e as relações entre as pessoas. Trata-se de promover coletivamente o abandono do discurso pessimista e paralisador do fracasso da escola e do aluno e debruçar-se sobre os obstáculos que precisam ser superados. Existem diversos aspectos que compõem uma boa parceria entre o educacional e o pedagógico. A seguir, alguns exemplos:

- Compartilhar as observações do cotidiano escolar que ajudem a descobrir os aspectos do currículo oculto.

- Problematizar temas relacionados à qualidade do convívio, tais como valores, uso do espaço coletivo, furtos, violência, questões de gênero, preconceito etc.
- Refletir sobre a formação ética do sujeito social por meio da análise dos temas transversais nas diversas disciplinas e da seleção dos temas sociais complexos e o momento mais apropriado para introduzi-los em situações de aprendizagem.
- Investigar a escola sob novos paradigmas, entrando em contato com a produção de teóricos da ciência, da sociologia e da psicologia da Educação.
- Compreender as características da diversidade da família moderna e seus impactos na Educação.
- Informar-se sobre as principais características dos alunos com necessidades educativas especiais e como garantir a socialização e a aprendizagem.
- Construir acordos educativos coletivos que comuniquem o resultado da reflexão da instituição sobre as práticas e sirvam de parâmetros para futuras ações.

A integração do educacional com o pedagógico só funciona nas escolas que acreditam e apostam na troca de experiências e saberes, com o apoio institucional necessário e a adesão de gestores e docentes que não temem buscar oportunidades para propiciar o desenvolvimento de suas competências profissionais.

Texto 2 - Currículo Oculto e Currículo Oficial - Sintonizando as salas de aula e o mundo exterior (João Luís de Almeida Machado, Professor Universitário e Pesquisador)

Esqueçam as clássicas e tradicionais salas de aula. Carteiras enfileiradas geometricamente onde os estudantes se acomodam calmamente e ficam a espera de seus professores para que novas aulas sejam dadas. Alunos respeitosos e que trazem de suas casas recomendações expressas de bom comportamento e de máximo aproveitamento das oportunidades que lhes são oferecidas pela escola.

A clientela escolar mudou muito e não nos permite mais pensar o ambiente educacional sem observar o contexto global em que estamos inseridos. Olhar apenas para o próprio umbigo e tentar diagnosticar as causas da indisciplina, da falta de disposição dos estudantes, do marasmo do trabalho executado nas escolas e dos resultados pífios obtidos não vai nos levar a nenhuma solução eficiente e plena.

Pode-se mesmo pensar que a resposta para nossos problemas esteja muito distante e que talvez seja inatingível. Partindo-se de um diagnóstico tão impróprio quanto o que nos leva a tratar câncer com aspirina é realmente improvável que consigamos extirpar os nossos males...

Não podemos deixar de pensar que a educação está inserida em um amplo contexto social, político, econômico e cultural. Que ao abordarmos tal situação temos que perceber inferências provenientes não apenas das decisões governamentais locais ou nacionais, mas também as influências sofridas das transformações que acontecem em outras regiões do planeta e que aos poucos promovem mudanças em nosso cotidiano, em nossos hábitos e nas relações que estabelecemos com o mundo.

O Mundo mudou com as novas tecnologias e a educação não pode ficar alheia a isso. No entanto não basta adicionar laboratórios e computadores, televisores e aparelhos de DVD ou qualquer outro recurso às escolas, é necessário aprender a utilizá-los e torná-los parte integrante dos currículos e instrumentais básicos para o trabalho em sala de aula.

Pensamos em educação como as pessoas que querem entender as mudanças climáticas apenas em nível local, sem inserir nessa ampla e complexa questão situações como o efeito estufa, a camada de ozônio, a destruição das florestas tropicais ou a extinção de animais e vegetais.

Não podemos desprezar mudanças que têm acontecido no âmbito das comunicações como o

surgimento da Internet, a ampliação das transmissões por satélite, as notícias que rapidamente cruzam as fronteiras e nos permitem saber o que se passa no Japão ou no Oriente Médio em questão de minutos.

Ignorar o avanço do neoliberalismo e a falência do sonho socialista; fechar os olhos para as disputas religiosas que abalam regiões do planeta; desprezar a rápida e portentosa ascensão da China no mercado mundial; ou ainda não se informar acerca dos grandes tratados internacionais que levaram a formação da União Européia nos levam a erros grosseiros e nos tornam míopes ou até mesmo cegos a questões relevantes que afetam o trabalho nas escolas.

O homem literalmente chegou a Lua, criou meios de transporte velocíssimos e eficientes, logrou transformações importantes nos setores produtivos e elevou consideravelmente sua capacidade de criar mercadorias. Essa mesma humanidade condenou milhares de pessoas à fome, ao abandono e aos descabridos da miséria. Guerras têm sido travadas em diferentes partes do mundo, doenças epidêmicas assolam os países desprovidos e a distribuição de riquezas é totalmente desigual e injusta entre as nações ricas e as pobres.

A educação tem papel primordial na formação e esclarecimento das novas gerações. Para que isso aconteça o professor também deve estar sintonizado com as transformações do mundo em que vive e tem que tentar aproximar o currículo oficial das notícias e informações do cotidiano que constituem um autêntico currículo oculto, de grande influência na vida desses nossos estudantes.

E como tudo isso se relaciona à escola?

Vivemos num país em desenvolvimento, pelo menos é o que nos dizem há algum tempo (desde que entrei nos bancos escolares escuto essa afirmação). Isso significa que há problemas sociais e desigualdade econômica. Não há guerras envolvendo o Brasil e outras nações, mas há soldados brasileiros em outras partes do mundo (como no Haiti). Vivemos algumas tensões internas que algumas vezes extrapolam os limites da racionalidade e se transformam em confrontos sangrentos (como no caso da questão agrária).

A fome é um flagelo que ronda permanentemente uma parcela significativa de famílias brasileiras. A destruição de florestas em território nacional é questão de interesse internacional e tema de debates em diferentes partes do mundo. Temos governos que não querem assumir seus posicionamentos neoliberais que, entretanto, seguem à risca as cartilhas do Banco Mundial e do FMI. Assistimos ao crescimento constante e avassalador do advento das novas tecnologias ao cotidiano de nossa população (vimos recentemente, por exemplo, que há no Brasil atual o dobro de celulares comparativamente as linhas de telefones fixos ou ainda que a Internet de banda larga já superou a de linhas discadas).

Já deu para perceber que tudo isso influencia a escola?

Ainda não? Então vamos um pouco além em nossas observações. Que tal lembrar, por exemplo, que a disponibilização mais rápida de informações e notícias pelo rádio, televisão, jornais diários ou internet atinge uma boa e considerável parcela dos estudantes que freqüentam nossas escolas.

As mudanças do mundo não fazem parte dos currículos oficiais e têm forte influência sobre a vida de nossos estudantes. Questões como a Guerra do Iraque, o pagamento de mensalões ou o referendo sobre a venda de armas devem ser discutidas em sala de aula e aproximadas dos temas previstos nos currículos oficiais.

Esses meios de comunicação são freqüentes companheiros de nossos estudantes e disponibilizam informações que afetam e sensibilizam o comportamento dessas crianças e jovens. E o que fazemos com esses dados e notícias? Desprezamos, ignoramos ou, por vezes, comentamos com brevidade entre uma aula e outra. Isso não consta do currículo e dos planos de aula, portanto representa perda de tempo precioso de nossas explicações e trabalhos. Esse é o pensamento da grande maioria dos professores...

Ao fazermos isso perdemos a sintonia que pretendemos estabelecer com os estudantes. Precisamos estabelecer relações entre o currículo oficial e o mundo que nos cerca e influencia constantemente. A influência da realidade no contexto educacional é muito maior do que podemos imaginar e constitui, de acordo com pesquisas conduzidas por especialistas em educação, o que

pode ser chamado de currículo oculto.

Outro exemplo? Que tal pensarmos na economia e no neoliberalismo? A competição entre produtores internacionais e as conseqüências diretas no dia a dia dos estudantes é muito maior do que podemos imaginar. Vai desde as explicações acerca do desemprego dos pais até as justificativas quanto aos baixos salários oferecidos no mercado brasileiro ou a dificuldade para se obter o primeiro emprego.

E como conciliar o currículo oculto com o oficial?

O primeiro passo é manter-se atualizado em relação ao mundo que nos cerca. O segundo é colocar os neurônios para conseguir relacionar as notícias e informações obtidas aos planos e projetos de ensino. Isso significa que não podemos desprezar os currículos oficiais e sim modernizá-los criando elos que permitam a comunicação entre esses direcionadores de atuação da escola e a realidade em que vivemos. Outro aspecto fundamental é redimensionar nossa prática e questionar nossos caminhos, valores, posturas e até mesmo o nosso conhecimento (fazer novos cursos, entender as tecnologias e utilizá-las na educação, ler novos autores, reler os clássicos, assistir filmes, freqüentar teatros,...).

Criar canais de comunicação com os alunos. Escutar e aprender com os estudantes também é medida essencial. A escola ainda é deveras conservadora e antiquada nesse sentido. Criar relações de proximidade e permitir que os alunos se permitam uma nova compreensão da escola e da educação. Isso não significa abdicar da autoridade e do respeito que se fazem necessários nessa atuação profissional. Seriedade, trabalho, disciplina e responsabilidade são totalmente condizentes com diálogo, amizade e construção cooperativa de novos conhecimentos. Todos ganham com isso, ninguém perde.

Para completar nossa conversa de hoje, não podemos deixar de mencionar a necessidade da criatividade e do amor à profissão. Criatividade que dá o tom e o tempero, que estimula e convence, que atrai e estabelece o interesse na educação. Amor que nos faz vencer as adversidades, os pessimismos e as pequenas derrotas do cotidiano para que possamos chegar ao triunfo e as realizações...